

Artigos

1. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR – 30 anos de pesquisa

*Fazenda*¹

Resumo: O texto é uma revisão histórico crítica dos procedimentos metodológicos à pesquisa interdisciplinar onde o papel das histórias de vida ganha destaque especial. Trata de princípios que poderão alicerçar intervenções. Destaca o valor das metáforas enquanto referência na pesquisa. Destaca aspectos de uma hermenêutica de sujeitos e a força da palavra quando trabalhamos com formação interdisciplinar de professores. Alicerça-se na pesquisas desenvolvidas na linha de pesquisa Interdisciplinaridade nos últimos 30 anos.

Palavras-chave: pesquisa; interdisciplinaridade; metodologia.

Abstract: This text is a critical historical revision based on the interdisciplinary methodological research where the role of story telling is given special attention. It also deals with principles which will serve as a basis for interventions. It also puts in evidence the value of the metaphor as reference in research and gives relevance to aspects linked to hermeneutics of subjects and the strenght of the word when one works with an interdisciplinary techers's education. It has as its foundations, the interdisciplinary researches which have been developed for the last thirty years.

Keywords: research; interdisciplinary; methodology.

Ao desenvolvermos nossos estudos buscando acrescentar dados à construção de uma teoria da Interdisciplinaridade na Educação passamos trinta anos investigando o cotidiano de professores do ensino fundamental, médio e superior. Desenvolvemos muitas pesquisas e orientamos um grande número de pesquisadores.

¹ Profa. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda

Verificamos nessa trajetória que a teoria que vem sendo construída, somente se legitima na ação, então fomos experimentando formas diferenciadas de observação e registro das ações cotidianas de professores.

Neste texto objetivamos descrever o sentido do movimento provocado na pesquisa interdisciplinar em seus procedimentos metodológicos.

Nossa busca revelou professores muitas vezes perdidos na função de professor, impedidos de revelarem seus talentos ocultos; anulados no desejo da pergunta, embotados na criação; prisioneiros de um tempo tarefairo, reféns da melancolia; induzidos a cumprir o necessário, cegos à beleza do supérfluo (FAZENDA, 94, 98, 99, 00, 01, 02 e 03).

Encontramos também que a repercussão à adesão de propostas de formação inicial ou continuada desperta neles o desejo de torná-los pesquisadores, mas poucas vezes conseguem discutir o sentido e o valor da pesquisa em suas vidas. Sabemos que para esse dilema existem inúmeras alternativas. As escolhidas neste momento aproximam-se de dilemas de ordem teórico/metodológica que vimos enfrentando em nossa tarefa de formar professores pesquisadores.

- Como reter histórias interrompidas?
- Como estimular a alfabetização em linguagens novas?
- Como recuperar a memória de fatos sombrios?
- Como valorizar a linguagem singular?
- Como auxiliar na descoberta de talentos?
- Como estimular a leitura das entrelinhas?
- Como cuidar da leveza e beleza do discurso sem macular a crítica?
- Como legitimar a autoria do outro sem ferir a própria?
- Como acompanhar a lentidão da metamorfose sem precipitar o desfecho?
- Como auxiliar na descoberta do melhor estilo?

As dez questões aqui colocadas merecerão tratamento analítico pormenorizado. Este texto é o esboço de um próximo livro onde a pretensão é aprofundar a discussão a respeito das perguntas aqui formuladas apresentando subsídios à construção de uma metodologia da investigação interdisciplinar.

Para respondê-las decidimos lembrar alguns aspectos da construção teórica interdisciplinar. Nossas buscas aos principais centros mundiais de referência na área da Interdisciplinaridade revelaram quatro princípios que norteiam o caminho das pesquisas que orientamos desde 1986: espera, humildade, respeito e desapego.

Para tanto muito temos nos servido da interlocução constante com os denominados Centros de Referência da Investigação Interdisciplinar onde acompanhamos a evolução dos estudos sobre a recuperação das histórias de vida, o aprofundamento dos recursos propiciados pela hermenêutica, os cuidados e o valor do uso de metáforas, os avanços nas questões da subjetividade e a importância atribuída à dimensão simbólica. Principalmente reportamo-nos às universidades de Tours, na França, Nova de Lisboa e Sherbrooke, no Canadá.

Os resultados dos estudos na área da Interdisciplinaridade apontam para as dificuldades de intervenção e para seus cuidados. As questões metodológicas da investigação interdisciplinar esboçadas em tempos anteriores, hoje já se consolidam em procedimentos de pesquisa. Torna-se imperativo, neste momento, reafirmá-las, pois, ao formarmos o professor pesquisador verificamos que não apenas o formamos para uma determinada pesquisa, mas percebemos que o trabalho dessa forma diferenciada de investigar acaba por desencadear

outros atributos até agora não considerados nas pesquisas convencionais sobre educação. Ao formarmos o professor pesquisador sob o enfoque interdisciplinar, entre outros aspectos, estaremos ao mesmo tempo recuperando aspectos de sua auto-estima provocados pelo sucateamento a que nossa profissão nos conduziu. O professor quando iniciado nessa forma de investigar contagia imediatamente toda sala de aula, a escola e a comunidade.

Como preâmbulo, neste momento decidimos rever antigos escritos, acrescentando dados novos aos já elaborados. Esse exercício nos revela novas luzes às teorizações sobre a forma de investigar em Educação.

Em 1994, ao publicarmos o livro Interdisciplinaridade, História, Teoria e Pesquisa, hoje em sua 11^a.edição dedicamos três capítulos à descrição dos desafios metodológicos vivenciados pelo professor pesquisador.

Naquele momento havíamos orientado 30 pesquisas entre dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Hoje, 2004, já nos aproximamos do número 80. Convidamos você, leitor amigo, a essa aventura de reler o velho com olhos de novo. Desta forma estaremos vivenciando mais uma vez um dos principais fundamentos da atitude interdisciplinar.

Ao nos referirmos naquele momento aos princípios formulados por Antonio Nóvoa, parceiro nosso naquele momento que tratávamos das Histórias de Vida, alertávamos para o perigo em categorizá-las dentro de barreiras disciplinares. Melhor explicando:

Categorizações disciplinares podem apenas nos auxiliar na elucidação de aspectos generalizadores e superficiais. Se aí permanecermos, corremos o risco de perder a riqueza dos detalhes singulares que podem nos conduzir a uma compreensão mais apurada de aspectos importantes que nem sempre a generalização contempla.

Histórias de Vida quando devidamente recuperadas permitem-nos a conjugação de olhares singulares das ações educativas. Cada pesquisa que tem a História de Vida como procedimento requer configuração própria, cuidados diferenciados, por que sugerem movimentos novos no delineamento de ações. No projeto de construção de uma teoria da interdisciplinaridade detivemo-nos na explicitação de ações educativas. A pergunta que hoje fazemos é a seguinte: porque foi importante partirmos delas em nossas pesquisas? A resposta pode ser em parte explicitada pela afirmação de que as questões da interdisciplinaridade precisam ser trabalhadas numa dimensão diferenciada de conhecimento- daquele conhecimento que não se explicita apenas no nível da reflexão, mas sobretudo no da ação. Assim sendo vai exigir do pesquisador um envolvimento tão profundo com seu trabalho que o conduzirá ao encontro de uma estética e uma ética próprias, singulares. Somente quando o pesquisador encontra sua estética e sua ética anterior e as projeta numa dimensão transcendente estará exercendo a atitude interdisciplinar.

Que tipos de ação poderiam ser escolhidas para serem pesquisadas? Essa é uma indagação freqüente. À resposta temos nos reservado o direito de nova pergunta: qual o grau de compromisso que o pesquisador demonstra com a ação a ser pesquisada? Na resposta a essa interrogação estão contidos princípios fundamentais à execução de uma investigação interdisciplinar tais como o comprometimento, o envolvimento e o engajamento. Perceber o grau de envolvimento do pesquisador com o objeto de pesquisa envolve um trabalho paralelo de investigação sobre a intencionalidade e origem das pesquisas. Gaston Pineau em seus mais recentes estudos (2001, 02 e 03) categoriza este trabalho numa tríplice dimensão: direção, significação e sensação. Vários dos trabalhos por nós orientados nestes três últimos anos dialogaram recriando o esquema tripartite de Pineau. Esse esquema foi particularmente

interessante na medida em que auxiliou nossos pesquisadores na compreensão e organização de suas práticas.

Há quatro anos intensificamos nossa parceria com Gaston Pineau que ao longo das três últimas décadas dedicou seus estudos às questões das Histórias de Vida. Para Pineau (2002) as Histórias de Vida definem-se como pesquisa e construção de sentido, ampliando não apenas o espaço da grafia, mas, o da palavra, da comunicação oral, da vida. Amplia também as múltiplas possibilidades de expressão, tais como a fotografia, a tela, o teatro, o rádio, o vídeo, o cinema, a televisão e a internet. Ela permite ao pesquisador a saída do “moi” a um “ser com”. Pineau em sua última obra realiza uma façanha rastreando os trabalhos dos principais pesquisadores da História de Vida. Seu objetivo foi com isso demonstrar como as ações cotidianas podem transformar-se em pesquisa e como as pesquisas podem transformar-se em formações diferenciadas. Cita outro também parceiro nosso, Renè Barbier, em seus estudos de 1996 quando dizia da importância da pesquisa ação e da evolução desta forma peculiar de pesquisar quando a ação se transforma em formação.

A pesquisa/ação/formação é um campo emergente neste momento dos mais importantes nas investigações sobre educação. Histórias de Vida vêm sendo consideradas não apenas formas de investigação como práticas de formação. Elas não apenas possibilitam a teorização e categorização das práticas empíricas, mas a articulação dialética das duas polaridades não excludentes- prática e teoria. Pudemos revisitar ao lado de Pineau a bibliografia mais significativa sobre Histórias de Vida e outro parceiro teórico que encontramos foi Guy de Villers quando se interroga sobre as relações entre clínica e formação. Há muito tempo, melhor dizendo, 1986, quando orientamos nossa primeira mestranda, Sueli Grimaldi Moreira ousamos falar das relações entre a Clínica e a Sala de Aula. Nossas ferramentas eram ainda incipientes. Utilizávamos timidamente o referencial da Psicologia Analítica e ainda assim com muito cuidado porque essa ciência naquele momento era vista como alguma coisa estranha por parte dos pesquisadores em educação. Os resultados diziam que era importante investirmos no jeito de ser próprio de cada professor e de cada aluno, sua tipologia, hoje dizemos do caráter terapêutico que existe quando essa relação é encontrada. Naquele momento, ousamos até construir tabelas com números para tentar demonstrar a cientificidade de nossos achados. Hoje os procedimentos metodológicos foram ampliados e já temos como verificar a possibilidade das Histórias de Vida se constituírem em processos maiêuticos de sujeitos, projetos e trajetos, que informam, formam e projetam professores para outro patamar de vida.

Não pense o leitor que uma pesquisa dessa natureza nasce do acaso, ou seja, do desejo involuntário que pode surgir de narrar a própria vida. A pesquisa que denominamos de interdisciplinar nasce de uma vontade construída. Seu nascimento não é rápido, exige uma gestação prolongada, uma gestação em que o pesquisador se aninha no útero de uma nova forma de conhecimento - a do conhecimento vivenciado e não apenas refletido, a de um conhecimento percebido, sentido e não apenas pensado. Esse processo de nidificação que o pesquisador inicialmente vivencia leva-o a uma revisão de bibliografia que veio norteando sua formação- uma releitura do que mais o marcou em sua concepção de educação. Nesse processo ele vai adquirindo a percepção de sua própria interdisciplinaridade, melhor dizendo de sua singular atitude frente ao contexto. A espera que esse processo de gestação determina começa a gerar novas dúvidas.

O professor pesquisador passa a duvidar das teorias sobre educação existentes, duvidar no bom sentido, no sentido de percebê-las imperfeitas e incompletas, de duvidar que elas

possam explicitar, da forma como estão elaboradas, suas intercorrências práticas decorrentes de uma dúvida maior- a de que algo de sua prática vivida possa estar contribuindo para a explicitação das imperfeitas teorias sobre educação já construídas bem como da beleza das que se tornaram clássicas.

Das dúvidas construídas e trabalhadas surge um desafio- o desafio de criar teoria, uma teoria nascida de uma prática intensamente vivida. Esse desafio vai se explicitando na superação de múltiplos obstáculos. O primeiro deles, diria, o mais fundamental é vencer as amarras pessoais, deixar o peito aberto para que flua dele toda a emoção que a ação praticada provocou. Esse processo é tão ou mais longo que o da nidação da teoria, pois exige uma adesão irrestrita ao processo de desvelamento da prática, exige o rompimento com estereótipos adquiridos no passado, rompimento às descrições padronizadas, exige a descoberta enfim do símbolo que gestou e sustentou toda a prática vivida. Esse símbolo, também como já dissemos, é próprio de cada um, portanto exige do pesquisador um tempo próprio de maturação, uma forma própria de narrar e descrever, uma forma própria de reorganizar a ação, uma estética própria na apresentação e, sobretudo, exige de cada um, o compromisso com o desvelamento de uma ética própria que determinou seu próprio modo de ser - o que o marca, o distingue, o personaliza como ser único, habitante e construtor de uma forma própria de educar.

A pesquisa interdisciplinar exige, portanto, a busca da marca pessoal de cada pesquisador- a busca de sua “marca registrada”. A pesquisa interdisciplinar distingue-se das demais por revelar na sua forma de abordagem a marca registrada do pesquisador.

O exercício de buscar a marca registrada envolve uma viagem interior, um retrocesso no tempo, em que o autor ao tentar descrever a ação vivenciada em sua história de vida identifica-se com seu próprio modo de ser no mundo, no qual busca o encontro com sua metáfora interior. Assim, percebe-se pescador aquele que tece a rede, que a constrói, que sabe sobre sua função, sobre as formas e finalidades com que ela possa ser utilizada, tem muito claro o propósito com que possa pescar (bota ou peixe), e que por isso, sobretudo, sabe que sua tarefa consiste em aproveitar, transmutar tanto a bota em peixe, quanto o peixe em bota, desvelando o valor próprio, não exclusivo de cada um e, portanto, interdisciplinarmente percebido.

O encontro dessa metáfora interior, fundamental nessa forma de investigação, nem sempre ocorre no início do processo, pois sua identificação exige um domínio quase que pleno da situação vivida, que, apenas ocasionalmente, transparece numa intuição inicial. Na maior parte das vezes esse encontro só vai ocorrer após várias narrações, descrições e análises preliminares das ações a serem pesquisadas.

Citamos o pescador- uma das marcas registradas de uma de nossas orientandas. Outras tantas passarei a analisar. Esse exercício de descoberta da metáfora interior permite ao pesquisador um contato tão profundo com seu próprio eu que o obriga a uma percepção em totalidade do seu papel no mundo e do papel dos outros que com ele interagem.

Para exemplificarmos a relação que se estabelece entre o sujeito pesquisador e o objeto a ser pesquisado, servimo-nos do trabalho de uma orientanda nossa, que ao descrever o processo de interação ocorrido entre os professores da instituição que pesquisava, recorreu ao recurso de uma analogia colhida no recôndito de uma fábula da literatura infantil - O caracol e a flor.

O movimento da ação descrita pela pesquisadora poderia ser sintetizado numa direção que diremos de dentro para fora, ou seja, a identificação das marcas presentes em seus sujeitos revela-se no modo de viver de uma formiga, cigarra, caracol ou borboleta, personagens da historinha escolhida. Digo de dentro para fora porque antes de identificar a marca de seus

sujeitos, a pesquisadora precisou investigar qual seria o papel que uma formiga, uma cigarra, um caracol ou uma borboleta desempenhariam na sociedade dos animais. Esse nível preliminar de investigação a conduziu-a a detalhes na compreensão da própria experiência vivida. Conseguiu identificar não apenas as características dos sujeitos observados, mas também as ações exercidas em seu processo interativo. O recurso da metáfora permitiu a ela, pesquisadora, colocar-se na pele de seus sujeitos, compreendendo-os no limite de suas especificidades, na essencialidade de seus talentos.

Outro movimento freqüentemente constatado em nossas pesquisas é aquele que ocorre de fora para dentro. Outro exemplo de pesquisa por nós orientada foi marcada pela transgressão. Por que e como a transgressão foi marca da ação pesquisada? O pesquisador trazia uma descrição exterior, que privilegiava sua ação docente ocorrida em determinado curso, numa determinada instituição com todos os sucessos e fracassos que um cotidiano contém, porém com um diferencial: professor é respeitado por sua forma diferenciada de trabalhar. Aparentemente todos os elementos da ação a ser pesquisada estavam descritos numa primeira redação, porém o que faltava? Faltava à explicitação do movimento interior da ação, sua metáfora interior. A descrição da prática vivenciada pelo pesquisador, volto a afirmar, era meticulosa, com detalhes, porém detalhes de alguém que pesquisa o fato, do lado de fora apenas. O processo de compreensão do movimento interior da ação a ser pesquisada ocorreu num processo maiêutico, no qual o acompanhei numa viagem ao interior de sua pesquisa, uma viagem na qual o conduzi, tendo o quadro-negro como tela e o giz como protagonista. Quadro-negro e giz desenharam a mim e a ele um movimento próprio da sua ação exercida. Era um movimento de negação e construção do ato educativo ao mesmo tempo, poderíamos dizer paradoxalmente, visto que algo de diferente havia no processo de apreensão das sínteses aparentemente contraditórias. Essa característica própria do movimento que vimos desenhado nos indicou uma metáfora à qual denominamos transgressão. Há muitos anos orientamos esse pesquisador - sua viagem solitária transformou-se em pesquisa, foi dissertação de mestrado, posteriormente livro com várias reedições. O processo continuou no doutorado e segue na produção de livros que hoje alimentam as bibliotecas das escolas. Assim como este, outros educadores por nós orientados ao descobrirem o jeito de ser próprio que os constituem educadores, acabam por disseminar esse procedimento metodológico de investigação que os tornou únicos, acabam por provocar o vir à tona da identidade latente do aluno, seu talento adormecido. Um educador que se aninha nessa forma de investigar interdisciplinarmente nunca mais pede demissão da pesquisa- ela acaba fazendo parte de seu cotidiano de vida pessoal e profissional. Assim, eles prosseguem em seus doutorados, livre-docência, titularidade, publicam seus achados, formam pesquisadores orientando, presidem fóruns de educação, associações de classe, reitorias de Universidades. Adquirem até força para interferir nas decisões macro ou micro das políticas de Educação.

Outra evidência a que esse exercício de apropriação da metáfora interior conduz é do quão necessária se faz uma descrição pormenorizada anterior da prática vivida. A partir, muitas vezes, da repetição de pequenos detalhes é que nos permitimos perceber a essência do movimento ocorrido. De fora para dentro e de dentro para fora se constituíram nos exercícios das ações pesquisadas a possibilidade de confronto entre a ação praticada e a ação vivida.

Outro movimento próprio encontrado na apreensão das metáforas interiores denominamos linearidade/ circularidade. As ações descritas em nossos primeiros trabalhos costumavam contemplar os elementos sequencialmente vividos. O conjunto dessas ações

objetivava facilitar a compreensão da totalidade da ação pelo próprio exercício a que já se está habituado - seqüência lógico-cronológica. Porém, nossas seqüentes pesquisas comprovaram que a linearidade dessas descrições é insuficiente para explicitar todas as contradições. Por isso investimos nossos esforços na descoberta de outro movimento: circularidade. O exemplo de que nos servimos foi vivido por outra orientanda na descoberta de sua metáfora interior- o labirinto. Ao investigar o interior do discurso de alguns coordenadores de curso, tentando explicitar suas ações, a pesquisadora depara-se com um impasse, um labirinto. O desenho do labirinto chega à sua mente com toda a força do momento no qual se encontrava. A imagem que sua mente captava era a de quadrados concêntricos cuja saída não se explicitava. Melhor explicando, ela própria encontrava-se com todo material coletado - paredes do labirinto- porém, colocava-se no centro desse labirinto- estava enclausurada sem vislumbrar qualquer saída para seus dados. O impasse colocou-se a mim, sua orientadora: em que medida o labirinto descrito pela pesquisadora seria apenas representativo da ação que ela tentava elucidar, ou seria representativo de seu próprio momento vivido na pesquisa? Há que se esclarecer que sua narrativa em vários momentos nos apontava para uma identificação com o objeto pesquisado. Sua história de vida tinha sido marcada pelo desempenho do papel de coordenadora de curso num labirinto, objeto de seu estudo.

O emaranhado ou labirinto que descrevia resultava, em grande parte, da impossibilidade de separar seu papel de pesquisadora de seu objeto pesquisado.

Procedemos, então, à seguinte orientação- para tornar clara a saída do labirinto fazia-se necessário um distanciamento da ação (ver o fenômeno de fora). Analisar o labirinto de dentro para fora ou de fora para dentro- linear ou circularmente- conduziu-a, finalmente, à imagem do labirinto ideal, à essência de sua metáfora na qual todo o exercício de viver os contrários se manifestava. A conclusão teórico-prática que esse exercício revelou foi à seguinte - não importam as voltas que o labirinto contenha, o importante é perceber que ele sempre contém entradas e saídas- o movimento exercido de fora para dentro ou de dentro para fora, linear e circularmente permite ao pesquisador apropriar-se da ação na sua totalidade, portanto interdisciplinarmente. A pesquisadora prosseguiu em seu doutorado na ampliação desse conceito primeiro. Constituiu um grupo de pesquisadores, alguns deles, hoje já doutores. Porém, ao analisar a forma como ainda orienta certifico-me que a marca da orientação primeira foi tão determinante que a constituiu pesquisadora singular, aquela que sempre volta ao centro do labirinto perguntando-se como Sócrates- qual o por quê de tudo isto? Para tanto, uma vez mais se afasta, analisa de fora e certifica-se da força minotáurica que um labirinto encerra. Ele ao mesmo tempo em que a aprisiona no desejo da pesquisa, a liberta da cegueira da ignorância.

A força da metáfora interior persegue o pesquisador em suas seqüentes pesquisas e dissemina-se entre seus orientandos. Quando descobrimos isto por primeira vez, há muitos anos atrás, tivemos apenas uma intuição genérica do fato. Hoje tentamos pesquisar os desdobramentos de nossas intuições primeiras.

Passamos a investigar o caráter intelectual de nossas intuições, então servimo-nos preferencialmente dos estudos de Bergson, Dilthey, Husserl. Em certas pesquisas chegamos até a captar o caráter emotivo e volitivo das intuições, embora nosso objeto de pesquisa sempre tenha sido a inteligência, a apreensão do conceito em sua metamorfose. Nossa investigação dos conceitos presentes no ideário pedagógico caminhou para a investigação de sua forma, nos contornos lingüísticos, intelectuais e existenciais, portanto nos múltiplos olhares que um conceito contempla.

Essa foi à trajetória que nos conduziu à construção do Dicionário em Construção-Interdisciplinaridade e das seguintes pesquisas que a partir daí orientamos. Trabalhar com conceitos numa dimensão interdisciplinar é nosso desafio de pesquisadora nesta década. Recentemente nos aproximamos dos estudos de Gauthier ao também afirmar a importância da metáfora como referência, não apenas para o sujeito que pesquisa, mas para o grupo que dela compartilha.

Uma das formas pelas quais analistas junguianos interpretam as influências do inconsciente coletivo e dos arquétipos na estruturação básica da personalidade humana consiste na análise de mandalas. Presentes tanto nas manifestações simbólicas da atualidade quanto naquelas encontradas entre os primitivos, as mandalas sugerem a emersão de contradições e a visualização de polaridades. Os analistas junguianos reconhecem nelas uma forte presença arquetípica. A referida presença arquetípica tão evidenciada nas mandalas pesquisadas no âmbito da psicologia analítica são encontradas nesses estudos sobre as teses por nós orientadas, quando procedemos à descoberta das metáforas interiores. Gauthier (2004) também nos acompanha na importância que atribui aos poços de captura de conhecimentos à que a mandala nos incita.

A mandala adquire nos trabalhos por nós orientados a configuração de uma imagem desenhada ou descrita sob a forma de roda, bolha, caracol, labirinto, muro, cerca, rede, teia, tecido, luz, sombra. Essa imagem acompanha o pesquisador durante todo o processo de pesquisa e muitas vezes é tão marcante que acaba por identificar a pesquisa e seu próprio autor.

Na pesquisa interdisciplinar, a descoberta de si mesmo, do mais interior do que somos conduz-nos à explicitação do como nos representamos. Nesse caminho de interiorização o objetivo do pesquisador é a busca de uma nova forma de conhecimento. É caminho no qual, em certo momento, o pesquisador passa a tomar contato com seu universo imagético. Nele descobre algumas mandalas, as que a ele são mais próximas, passando, então, a descrevê-las. Na descrição, as imagens que surgem representam aspectos do objeto peculiar aos estudos ao qual o pesquisador vem se dedicando. Em nosso caso, o objeto de estudos é a interdisciplinaridade, portanto, a imagem sempre acaba contemplando aspectos da totalidade do conhecimento numa espiral ascendente que nos movimenta em direção à **sacralidade**. A pré-visão de totalidade auxilia o pesquisador na explicitação do caminho a ser percorrido, ajudando-o a compô-lo, a contá-lo com maior tranquilidade, numa maior **inteiridade**. Acredito mesmo que parte desse poder de síntese que essas imagens detêm é incorporada à identidade do pesquisador, auxiliando-o posteriormente na recomposição de outros aspectos de sua vida.

Por isso um misto de alegria e medo toma conta do pesquisador ao entrar em contato com a representação de suas imagens (mandalas). A evidência disso pode ser constatada na dificuldade que demonstram ao vivenciar a contradição emergente dessas imagens. Isso para nós consiste no desafio maior a que esse tipo de pesquisa nos encaminha. Entretanto, consideramos ser esta a tarefa maior da pesquisa interdisciplinar, pois ao permitir a emergência de contradições, exige o trabalho criterioso com polaridades. Esse exercício vivido na sua plenitude permite a revisão e a construção de novas teorias a respeito da educação.

A conclusão mais abrangente a que a análise das pesquisas nos conduz é a seguinte - ao buscarmos evidenciar a atitude desenvolvida nas pesquisas realizadas, não pretendemos criar novos estereótipos, mas procedimentos diferenciados da forma de pesquisar..

Nossa primeira interlocução sobre a necessidade de enfrentar o desafio de criar procedimentos diferenciados na investigação da Educação foi com Magda Soares (1992)

quando debatemos na última CBE a necessidade de que as pesquisas dissessem da própria existência do pesquisador. Em 2000, no Colóquio Internacional sobre Interdisciplinaridade no Canadá, voltamos a discutir a questão com Gerard Fourez (2001) ao tratarmos da necessidade que o pesquisador tem de encontrar suas próprias ilhas de racionalidade e nelas fazerem-se representar. Hoje, 2004, relendo nossa correspondência pessoal com Gusdorf em trinta anos de diálogo compreendo que as ilhas de racionalidade somente poderão reconciliar-se numa dimensão de tranqüilidade, de Paz.

Mais recentemente, 2002, 2003 e 2004, nossos encontros com Gaston Pineau certificam a importância da busca da essencialidade do encontro do sentido da pesquisa e nele o encontro das ilhas de paz anunciadas por Gusdorf há anos atrás. Estamos ao longo destes últimos anos, trabalhando no ensaio de procedimentos alternativos aos desafios metodológicos a que a pesquisa em Educação nos tem conduzido e hoje, mais do que ontem, reafirmamos a necessidade de buscar o sentido da pesquisa na vida do pesquisador.

Acreditamos que a via possível da produção de conhecimento na área da educação e o sentido da pesquisa na interdisciplinaridade escolar estariam na consideração desse aspecto basilaramente salientado.

Nossas reflexões são também compartilhadas por René Barbier, ao afirmar que a produção de conhecimento teórico nasce diretamente da práxis da pesquisa. No tipo de pesquisa denominado por ele pesquisa/ação existencial o que se espera não é alcançar um resultado, mas, sobretudo poder teorizar o próprio processo de ação. Isso, segundo Barbier,

em vários de seus últimos escritos, traz problemas muito difíceis tanto no plano do que convencionalmente denominamos pesquisa quanto no plano pessoal do pesquisador que a exerce.

Acreditamos que o motivo principal pelo qual conseguimos reunir tão heterogêneas e significativas pesquisas abordando e fundamentando questões emergentes de uma teoria da interdisciplinaridade seja o fato de o nosso grupo ter sido formado pelo que Barbier denomina filósofos em atos - pessoas que aceitam pesquisar questões de fundo a partir da existência cotidiana, educadores comprometidos que acreditaram na relevância de seus trabalhos, portanto, que exerceram a audácia de pesquisá-los.

Continuando nossa análise ainda sobre os pesquisadores que orientamos, diríamos ainda com Barbier que em todos eles encontramos um traço comum- a vibração com o que fazem. Essa vibração foi a nosso ver o móvel da vontade que impulsionou essas pesquisas. Acreditamos que ela aparece nos seres que possuem o sentido existencial e interno da totalidade da vida. Esse especial tipo de pesquisador, o interdisciplinar, principalmente porque adquire o sentido do valor do seu trabalho, empenha-se em reparti-lo com os outros, principalmente porque percebeu o valor que sua experiência pode ter para seus colegas educadores e para a história da educação.

Porque compreende seu universo de ações e de significados, o pesquisador interdisciplinar aceita dividir sua própria percepção do mundo e dos homens. Isso tem demandado também um tipo especial de pesquisador, aquele que com sensibilidade compreende os outros, portanto, a efetivação do exercício do respeito ao outro e da espera (na medida em que poucos são ainda os que aceitam esse tipo especial de trabalho e pesquisa).

O processo de pesquisar procedimentos para investigar a interdisciplinaridade demandou uma formação especial na forma de pesquisar, que é marca de todo esse trabalho, a formação para a escuta sensível - escuta aos seus achados ainda não revelados, (nem muitas vezes a si

mesmos), escuta paciente e sensível, a melhor forma de retratar e analisar esses achados, escuta sensível à forma de socializá-los e divulgá-los.

A todo esse processo de aquisição dessa escuta sensível na pesquisa denominamos, como Barbier, **amor**. Esse sentimento- o amor- é o que possibilita apoiar-se e ao mesmo tempo libertar-s da emoção. A explicitação desse amor na pesquisa interdisciplinar melhor adquire contornos de um rigor epistemológico quanto mais oceanicamente contemplar ou expressar a plenitude da emoção vivida na ação praticada. Muitas vezes a maneira de expressar essa forma própria de pesquisar adquiriu contornos na mítica ou na poética, não no aspecto racional dos mitos e dos símbolos, mas no aspecto de sua sensibilidade.

Assim sendo, acreditamos que através dessas pesquisas conseguimos revelar também o lado artista, o lado poético, o lado sensível dos educadores, que nesse exercício de investigar tornaram-se pesquisadores.

Quando se fala de amor, de arte na academia e, principalmente, na pesquisa, há que se falar questionando, duvidando, principalmente quando se fala em amor oceânico, novamente citando Barbier.

Entretanto, falar de amor oceânico é diferente de vivê-lo, e todos esses pesquisadores dele participaram demonstrando-o não apenas pelas palavras escritas, mas pelo sentido das ações praticadas que a pesquisa possibilitou registrar e desvelar.

REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Integração como proposta de uma nova ordem na Educação*, in *Linguagens, espaços e tempos*. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

_____, *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1994.

_____, *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. São Paulo: Loyola, 1991.

_____, *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*. São Paulo: Loyola, 1979.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes, (Org). *Dicionário em construção: Interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, (Org). *Didática e interdisciplinaridade*. São Paulo: Papirus, 1998.

_____, (Org) *Práticas interdisciplinares na Escola*. São Paulo: Cortez, 1991.

FOUREZ, G. *Fondements épistemologiques pour L'interdisciplinarité*, in LENOIR, REY, FAZENDA, *Les fondements de L'interdisciplinarité dans la formation à L'enseignement*. Canadá: CRP/UNESCO, 2001.

GAUTHIER, J.Z. *A Questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética*. **Revista Brasileira de Educação. Anped, nº 5, p.127-142, Jan//Fev/Mar/Abr 2004.**

PINEAU, G. *Les histoires de vie*. Paris: PUF, 2002.

_____, e outros. *Chemins de formation au fil du temps*, n.6- Les écritures de soi. Université de Nantes, 2003.